

Nº 1

NOVEMBRO /
DEZEMBRO
2026

EDIÇÃO DE
ESTREIA



MUNDOS IMPOSSÍVEIS

REVISTA DE LITERATURA FANTÁSTICA

FANTASIA + FICÇÃO CIENTÍFICA + ESPADA & FEITIÇARIA + PULP + HORROR + AVENTURA



A CASA DOS SUSSURROS

UM CONTO DE VAMPIROS
E SOMBRAS ANCESTRAIS



PÓLVORA E REDENÇÃO

UM CONTO DO
VELHO OESTE

DO AUTOR

→ ROBSON CAMPOS DE ABREU ←



SUA HISTÓRIA PODE INSPIRAR
MUNDOS INTEIROS.

CHAMADA DE NOVOS AUTORES

PARTICIPE DA 2ª EDIÇÃO DA MUNDOS IMPOSSÍVEIS

REVISTA DE LITERATURA FANTÁSTICA

A Mundos Impossíveis está sempre em busca de novas vozes para levar aos leitores histórias que desafiam limites e expandem a imaginação. Se você escreve fantasia, ficção científica, horror, espada & feitiçaria, pulp ou aventura, essa chamada é para você!

PARTICIPAÇÃO
GRATUITA!

Não cobramos
para publicar.

O QUE PUBLICAMOS



FANTASIA



FICÇÃO
CIENTÍFICA



HORROR



ESPADA &
FEITIÇARIA



PULP



AVENTURA

REGRAS PARA ENVIO

- Contos originais e inéditos.
- Texto em língua portuguesa.
- Tema livre, dentro dos gêneros da literatura fantástica.
- Extensão mínima: 1 página (formato A5).
- Extensão máxima: 10 páginas (formato A5).
- Cada autor pode enviar até 2 contos.
- O envio do texto não garante a publicação.
- A seleção dos textos é feita pela equipe editorial.

COMO ENVIAR SEU CONTO



Envie seu conto em arquivo .doc ou .docx
para o e-mail:

vedanshiartes@gmail.com

No assunto do e-mail, escreva:

SUBMISSÃO - 2ª EDIÇÃO - MUNDOS IMPOSSÍVEIS

DATAS IMPORTANTES



PERÍODO DE ENVIO

01/11/2026 a 31/12/2026



RESULTADO DA SELEÇÃO

até 15/01/2027



LANÇAMENTO DA
2ª EDIÇÃO

JANEIRO DE 2027

NOVOS MUNDOS PRECISAM DE NOVAS VOZES.
Sua imaginação pode ser o próximo impossível.



FORJA SELVAGEM
— SELO EDITORIAL —

Editorial

Há histórias que nascem para nos lembrar de que o impossível sempre esteve mais perto do que imaginamos.

*É com esse espírito que nasce **Mundos Impossíveis**, uma revista criada para abrir espaço à literatura fantástica em suas muitas formas: fantasia, ficção científica, horror, aventura, espada & feitiçaria e todos aqueles territórios onde a imaginação se recusa a obedecer aos limites do mundo real.*

Nesta primeira edição, convidamos você a atravessar conosco essa fronteira. Aqui, novos mundos dividem espaço com antigas sombras, criaturas, heróis e mistérios que existem enquanto houver alguém disposto a contá-los - e alguém disposto a virar a próxima página.

*Bem-vindo à **Mundos Impossíveis**.*

Robson Campos de Abreu

Editor - Forja Selvagem



MUNDOS IMPOSSÍVEIS

REVISTA DE LITERATURA FANTÁSTICA



EXPEDIENTE

EDITORA RESPONSÁVEL

Robson Campos de Abreu

DIREÇÃO EDITORIAL

Robson Campos de Abreu

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Forja Selvagem – Selo Editorial

REVISÃO

A cargo dos autores

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Vedanshi Artes

CAPA

Vedanshi Artes

Imagem: Alessandro Taini (via Midjourney)

ILUSTRAÇÕES INTERNAS

Artistas diversos

Imagens geradas por IA e cedidas pelos autores

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Adriana Abreu

DIVULGAÇÃO E MÍDIAS

Forja Selvagem – Selo Editorial

PUBLICAÇÃO

Mundos Impossíveis –
Revista de Literatura Fantástica

PERIODICIDADE

Bimestral

FORMATO

Digital – PDF
A5 (14,8 x 21 cm)

DISTRIBUIÇÃO

Gratuita
Download liberado no site e
redes sociais da Forja Selvagem.

DIREITOS

Os textos são de responsabilidade
exclusiva de seus autores.
É permitida a reprodução parcial
ou total dos conteúdos, desde que
citada a fonte e o autor.

CONTATO

✉ vedanshiartes@gmail.com

📷 @forja.selvagem

🌐 forjaselvagem.com.br



INFORMAÇÕES IMPORTANTES

- ✳ Esta é a 1ª edição da Mundos Impossíveis – Revista de Literatura Fantástica.
- ✳ Ainda não possuímos ISBN. A solicitação será realizada nas próximas edições.
- ✳ Todos os direitos reservados à Forja Selvagem – Selo Editorial.
- ✳ Conteúdo gratuito. Venda proibida.
- ✳ Os artigos, contos e opiniões assinadas não representam, necessariamente, a posição da revista e do selo editorial.

FORJA SELVAGEM – SELO EDITORIAL

A Forja Selvagem é um selo independente dedicado à literatura fantástica em todas as suas formas. Publicamos livros, contos, revistas e projetos que alimentam a imaginação e mantêm vivas as histórias que o mundo insiste em chamar de impossíveis.



A casa dos sussuros

Por Robson Campos de Abreu

A estrada começara a desaparecer sob a névoa havia quase uma hora, primeiro nas margens, depois adiante dos faróis, até Augusto ter a impressão de que o automóvel não avançava por lugar algum, mas permanecia preso dentro de uma faixa estreita de asfalto cercada por árvores que surgiam e sumiam no branco. Já deveria ter alcançado a rodovia principal. Pelo menos era o que dizia o mapa antes que o telefone perdesse o sinal e o aplicativo deixasse de mostrar sua posição. Não passara por nenhuma cidade, posto ou propriedade desde então. Quando o motor engasgou pela primeira vez, ele ainda tentou ignorar. Na segunda, diminuiu a velocidade. Na terceira, o painel piscou e o carro morreu, deslizando alguns metros antes de parar junto ao acostamento. Augusto soltou um palavrão, girou a chave duas vezes sem resultado e só então percebeu o portão de ferro alguns metros adiante. Era alto, tomado por trepadeiras e ferrugem, preso a duas colunas de pedra que pareciam antigas demais para pertencer àquela região. Sob a hera havia uma placa. Precisou limpar a superfície com a mão para conseguir ler: Solar Valverde.

Não conhecia o nome e tampouco se lembrava de ter visto qualquer propriedade indicada no mapa. Ainda assim, havia uma estrada estreita além do portão, ladeada por ciprestes, e alguma coisa parecida com uma luz aparecia entre as árvores. Augusto pegou a lanterna no porta-luvas, vestiu o casaco e saiu. O frio surpreendeu. A noite já estava desagradável dentro do carro, mas ali fora a umidade parecia atravessar a roupa. Empurrou o portão esperando encontrar resistência; as dobradiças se moveram com um gemido comprido, e

ele seguiu pela alameda, dizendo a si mesmo que encontraria alguém, pediria um telefone e resolveria tudo antes da meia-noite. A casa surgiu alguns minutos depois, enorme e escura, construída em pedra, com dois pavimentos, janelas estreitas e um telhado tão inclinado que parecia feito para suportar nevascas que jamais existiriam ali. Havia alguma coisa europeia naquela construção, uma arquitetura deslocada do interior brasileiro e talvez por isso mais incômoda do que deveria. Apenas uma janela estava iluminada.

Augusto bateu à porta e esperou. Nenhuma resposta. Bateu novamente, agora com mais força, e estava prestes a desistir quando ouviu passos no interior. A mulher que abriu a porta aparentava pouco mais de trinta anos. Tinha cabelos negros presos atrás da cabeça, pele muito clara e um vestido escuro de corte simples, estranho o bastante para parecer antigo sem que Augusto soubesse dizer por quê. Ela não demonstrou surpresa ao encontrá-lo ali. Apenas olhou para ele e depois para a alameda coberta pela névoa.

— Desculpe incomodar. Meu carro quebrou na estrada. Preciso chamar um guincho ou pelo menos saber onde fica a cidade mais próxima.

— Aqui não há telefone.

— Nem sinal de celular?

— Há muitos anos ninguém consegue sinal nesta região.

A resposta lhe pareceu estranha, principalmente pelo modo como ela disse “há muitos anos”, mas Augusto estava cansado demais para discutir.

— Então acho que vou ter de voltar para o carro.

A mulher tornou a olhar para a escuridão.

— Não aconselho.

— Por causa da estrada?

— Por causa da noite.

Ela abriu mais a porta.

— Entre.

O salão era amplo, com móveis pesados, retratos antigos e um grande relógio parado às duas e quinze. Havia eletricidade, embora as lâmpadas espalhadas pelas paredes produzissem uma iluminação fraca, amarelada, complementada por algumas velas. A mulher apresentou-se como Helena Valverde e indicou uma poltrona próxima à lareira. Disse que pela manhã alguém poderia levá-lo até uma estrada movimentada. Augusto agradeceu, embora não entendesse de onde viria esse alguém, já que não vira outra casa em quilômetros. Tentou conversar. Perguntou se ela morava sozinha, comentou sobre a arquitetura do casarão e perguntou quando fora construído. Helena respondia pouco, geralmente desviando para outro assunto, até que um ruído vindo da parede interrompeu a conversa. Não parecia madeira estalando nem canos antigos. Era baixo, quase abafado, semelhante a duas pessoas conversando no cômodo vizinho. Augusto inclinou o corpo para escutar.

— Tem alguém aí?

— Não.

— Ouvi vozes.

— A casa faz ruídos.

— Casas não cochicham.

Helena o encarou por alguns segundos.

— Esta cochicha.

Augusto esperou que ela sorrisse. Helena não sorriu.

Ela saiu para buscar alguma coisa quente para beber, pedindo apenas que ele permanecesse na sala. Augusto aproximou-se da parede de onde o som parecera vir. O papel estava amarelado, marcado pela umidade, e havia uma rachadura fina descendo do teto. Encostou o ouvido. Durante alguns segundos ouviu apenas o próprio coração e o crepitar da lenha. Então uma voz feminina pronunciou seu nome.

Não alto, não como alguém chamando, mas tão perto de seu ouvido que Augusto se afastou instintivamente. Ficou olhando para a parede, tentando convencer-se de que não ouvira aquilo, quando alguma coisa branca apareceu na rachadura. Era a ponta de um dedo. Uma unha comprida raspou o papel pelo lado de dentro e desapareceu.

Augusto tropeçou para trás e quase derrubou uma mesa. Helena entrou carregando uma bandeja e compreendeu o que acontecera antes mesmo que ele explicasse.

— Tem alguém dentro dessa parede.

— Não há ninguém ali.

— Eu vi uma mão.

— Então não se aproxime novamente.

— Que diabos significa isso?

Helena pousou a bandeja com cuidado.

— Significa que você deveria ter continuado na estrada.

— Meu carro quebrou.

— Eu sei.

A resposta fez Augusto parar.

— Como você sabe?

Antes que Helena pudesse responder, alguma coisa atravessou o corredor no andar superior. O som era pesado, arrastado, como passos de alguém que tivesse dificuldade para mover as pernas. Helena ergueu os olhos. Pela primeira vez desde que abrisse a porta, Augusto viu medo em seu rosto.

— Escute o que vou dizer. Fique nesta sala. Não importa o que aconteça, não saia. Se alguém chamar seu nome, não responda. Se ouvir uma criança pedindo ajuda, ignore. E, principalmente, se ouvir minha voz do outro lado da porta, não abra.

— Você acha mesmo que vou ficar aqui depois do que acabei de ver?

— Se sair, talvez não esteja vivo quando eu voltar.

Helena deixou a sala antes que ele respondesse. Augusto ainda pensou em segui-la, mas os passos no andar superior recomeçaram e alguma coisa dentro dele decidiu que permanecer junto à lareira era uma ideia melhor. Alguns minutos transcorreram sem que nada acontecesse. Depois veio um choro infantil. Parecia estar no corredor, exatamente diante da porta.

— Moço...

Augusto apertou os braços da poltrona.

— Moço, abre para mim.

O choro tornou-se mais forte.

— Ela está me machucando.

Augusto chegou a se levantar. Havia uma criança do outro lado. Ou parecia haver. Deu dois passos antes de lembrar das palavras de Helena e parou.

— Augusto — veio então a voz dela. — Abra. Precisamos sair daqui.

A mão dele chegou à maçaneta, mas alguma coisa o fez hesitar. Talvez a maneira como Helena pronunciara seu nome. Talvez o silêncio que se seguiu. Encostou o ouvido na madeira e percebeu uma respiração profunda do outro lado, lenta demais, acompanhada por um ruído úmido que lembrava um animal farejando.

Ele afastou a mão.

A coisa percebeu.

A voz de Helena transformou-se num rosnado e a porta recebeu uma pancada tão forte que o trinco quase se soltou. Augusto recuou. Outra pancada veio, depois uma terceira, e então tudo cessou. O silêncio que se seguiu foi pior. Da parede atrás dele começaram a surgir os sussurros, primeiro dois ou três, depois dezenas. Homens, mulheres e crianças falavam ao mesmo tempo, alguns rezando, outros chorando, outros repetindo nomes. Augusto tentou abrir a janela, mas o fecho não se moveu. Quando afastou a cortina, viu um homem parado no jardim. Era muito alto, magro, vestido de preto. Não conseguia distinguir seu rosto, mas percebeu que ele olhava diretamente para a janela.

A porta se abriu.

Augusto virou-se segurando a lanterna como arma. Helena entrou. Havia sangue no vestido e um corte profundo em seu braço, embora quase não sangrasse.

— Venha comigo.

— Tem um homem lá fora.

— Eu sei.

— Quem é ele?

— Se quiser sair vivo daqui, ande.

Subiram a escada. Augusto não entendia por que estavam indo para cima em vez de procurar uma saída, mas Helena avançava depressa e ele não tinha alternativa melhor. No corredor havia dezenas de retratos. A lanterna passou por um deles e Augusto parou. Reconheceu imediatamente o rosto de Helena. Na pintura ela usava outro vestido e os cabelos estavam soltos sobre os ombros, mas não havia dúvida. A pequena placa de metal sob a moldura dizia Helena Valverde, 1847.

— Helena...

— Não temos tempo.

— Você está nesse quadro.

— Eu sei.

— Esse quadro tem quase duzentos anos.

Ela se voltou para ele.

— E eu também.

Augusto não conseguiu responder. O ruído que surgiu no final do corredor resolveu o problema. Um homem muito magro saiu da escuridão. Suas roupas estavam deterioradas e a pele tinha uma tonalidade cinzenta, quase sem vida. Quando abriu a boca, Augusto viu os dentes compridos. A criatura avançou com uma velocidade incompatível com seu corpo debilitado. Helena recebeu o impacto, bateu contra a parede e reagiu agarrando-o pelo pescoço. Augusto mal conseguiu acompanhar a luta. Ela golpeou a cabeça do homem contra a madeira e o lançou através de uma porta.

— Corra!

Desceram por uma escada estreita até o porão. Havia caixões ali. Alguns fechados, outros quebrados, espalhados entre caixas, móveis cobertos por panos e ferramentas enferrujadas. Augusto parou no último degrau.

— Você é uma vampira.

Helena respirava com dificuldade.

— Se essa palavra ajuda você a entender, sim.

— E aquilo lá em cima?

— Meu irmão.

— Quantos de vocês existem?

— Menos do que existiam ontem.

Uma pancada atingiu a porta no alto da escada.

Helena olhou para ela.

— Meu pai acordou.

Augusto lembrou-se do homem no jardim.

— Foi ele que fez isso com vocês?

— Em 1843. Viemos da Europa porque ele acreditava que aqui estaríamos longe dos caçadores. Comprou terras, construiu esta casa e durante décadas ninguém soube o que acontecia com aqueles que desapareciam na região. Meu pai chamava isso de sobrevivência. Minha mãe chamava de maldição. Quando tentamos enfrentá-lo, ele matou alguns de nós e aprisionou os demais.

— E as pessoas nas paredes?

Helena olhou em volta, como se pudesse ouvi-las mesmo ali.

— São aqueles que a casa não deixou partir.

A porta recebeu outra pancada e começou a ceder.

Augusto encontrou uma pá encostada na parede.

— Isso serve?

— Provavelmente não.

— É o que temos.

A porta foi arrancada.

O homem entrou sem pressa. De perto parecia menos monstruoso do que Augusto esperava. Tinha cabelos grisalhos, rosto elegante e olhos muito escuros. Poderia passar por um homem comum se não fosse pela absoluta ausência de cor em sua pele.

— Helena — disse ele. — Depois de tantos anos, ainda insistindo nisso?

— Acabou.

O velho olhou para Augusto.

— Pelo contrário. Você me trouxe exatamente o que eu precisava.

Augusto nem percebeu quando ele se moveu. Sentiu apenas o impacto e foi lançado contra uma pilha de caixas. Quando conseguiu respirar novamente, Helena e o pai já lutavam entre os caixões. A violência era brutal, sem elegância alguma. Ele a acertou no rosto, ela cravou os dedos em seu pescoço; os dois derrubaram uma estante e partiram um caixão ao meio. Augusto tentou se levantar e viu um esqueleto entre as tábuas quebradas. Havia uma estaca antiga atravessada entre suas costelas.

Não pensou. Arrancou-a.

O velho havia derrubado Helena e a segurava pelo pescoço.

— Eu lhe dei uma vida sem fim.

Helena cuspiu sangue.

— Você me deu uma fome sem fim.

Augusto correu.

A estaca entrou pelas costas do velho, mas não o derrubou. Ele se virou com uma expressão de surpresa quase humana e atingiu Augusto no rosto. O golpe o lançou ao chão. Helena agarrou o pai por trás antes que ele pudesse arrancar a madeira.

— Augusto! Empurre!

Ele se levantou cambaleando e jogou todo o peso do corpo contra a estaca. A madeira atravessou o peito. O grito do velho percorreu a casa inteira. As paredes estremeceram, poeira caiu do teto e, por alguns segundos, os sussurros explodiram ao redor deles como uma

multidão enlouquecida. Depois o corpo começou a mudar. A pele secou, o rosto afundou, os cabelos caíram. Em menos de um minuto restava dentro das roupas uma coisa escura e ressequida que já não parecia ter sido humana.

E então veio o silêncio.

Augusto nunca imaginara que o silêncio pudesse ser tão absoluto.

Quando amanheceu, Helena o acompanhou até o portão. A névoa havia desaparecido e o carro estava exatamente onde ele o deixara. Augusto girou a chave e o motor pegou na primeira tentativa. Não perguntou como. Depois daquela noite, parecia uma dúvida pequena demais.

— Você não vem?

Helena permaneceu do outro lado do portão.

— Não posso.

— Seu pai morreu.

— Algumas prisões sobrevivem aos carcereiros.

Augusto queria perguntar se voltaria a vê-la, mas percebeu que não desejava conhecer a resposta.

— O que vai acontecer com a casa?

Helena olhou para o casarão.

— Talvez finalmente aprenda a ficar quieta.

Augusto partiu. Duas horas depois encontrou um posto na rodovia e perguntou ao frentista se conhecia o Solar Valverde. O homem, já idoso, demorou a responder.

— Tinha um casarão com esse nome quando meu avô era menino.

— Tinha?

— Pegou fogo nos anos cinquenta. Não sobrou quase nada.

Augusto sentiu o sangue esfriar.

— Tem certeza?

— Claro. As ruínas ainda estão lá, entrando uns quilômetros naquela estrada velha. Ninguém vai mais porque não tem nada.

Augusto não insistiu. Voltou para o carro e abriu a porta. Sobre o banco havia uma fotografia que não estava ali antes. Pegou-a com cuidado. Helena aparecia diante do casarão ao lado de outras pessoas que ele reconheceu dos retratos. A imagem estava amarelada e gasta nas bordas. No verso havia uma frase escrita com tinta já desbotada:

Obrigada por nos devolver o silêncio.

Augusto permaneceu alguns minutos sentado, olhando para aquelas palavras, até perceber que o posto parecia estranhamente quieto. O frentista não estava mais junto às bombas. Não havia carros passando pela rodovia. Até os pássaros haviam parado.

Foi quando ouviu o sussurro.

Não vinha da fotografia nem do banco traseiro. Veio tão perto que sentiu o ar frio tocar sua orelha.

— Augusto...

Ele levantou a cabeça e olhou pelo retrovisor.

O homem do jardim estava sentado no banco de trás.

Augusto se virou num movimento desesperado.

O banco estava vazio.

Quando tornou a olhar para o espelho, também não havia ninguém ali.

Apenas seu próprio rosto pálido e, atrás dele, a estrada.

Ligou o carro e saiu do posto sem olhar para trás. Durante muitos anos evitou falar sobre aquela noite. Guardou a fotografia numa gaveta e jamais voltou à região. Às vezes passava meses sem pensar em Helena ou no casarão, e chegou a convencer-se de que aquilo finalmente havia terminado.

Até que, certa madrugada, muitos anos depois, acordou com alguém sussurrando seu nome.

A voz vinha de dentro da parede do quarto.



Pólvora e redenção

Por Robson Campos de Abreu

Quando Samuel Crowe avistou Santa Esperanza no fim da tarde, depois de quase três dias atravessando uma extensão de terra seca onde até os urubus pareciam ter desistido de procurar alguma coisa para comer, sua única preocupação era conseguir água para o cavalo e talvez um prato quente antes de seguir viagem. A cidade se espremia entre duas elevações pedregosas, formada por algumas dezenas de construções de madeira castigadas pelo sol, uma igreja branca, estábulos, armazém, ferraria e um saloon de dois andares cuja placa torta balançava sobre a varanda. Samuel conhecia lugares daquele tipo. Passara boa parte da vida entrando e saindo deles, embora nos últimos anos tivesse aprendido que quanto menor a cidade, maior a curiosidade sobre um estranho. Por isso desmontou sem pressa diante do bebedouro, tirou o chapéu coberto de poeira e deixou o cavalo beber enquanto observava as pessoas que interrompiam discretamente seus afazeres para olhar em sua direção. O revólver preso à cintura não ajudava. Era um Colt antigo, com a coronha marcada pelo uso, e Samuel já pensara muitas vezes em jogá-lo num rio, enterrá-lo ou simplesmente vendê-lo pela primeira oferta razoável. Nunca conseguira. Havia coisas das quais um homem podia se desfazer e outras que continuavam pertencendo a ele mesmo depois que decidia não querer mais. O Colt fazia parte da segunda espécie. Samuel entrou no saloon e pediu comida, café e um quarto. A mulher atrás do balcão, uma viúva chamada Martha Bell, explicou que havia apenas dois quartos e um deles tinha goteira quando chovia. Samuel olhou pela janela para o céu sem uma única nuvem e disse que correria o risco. Ela quase sorriu.

A comida ainda não havia chegado quando três cavaleiros entraram na cidade. Samuel os percebeu primeiro pelo modo como as conversas diminuíram. Ninguém correu ou procurou esconder-se, mas as pessoas simplesmente ficaram mais quietas. O homem que entrou no saloon era grande, barba avermelhada e casaco comprido apesar do calor. Os outros dois permaneceram do lado de fora. Ele caminhou até o balcão, pegou uma garrafa sem pedir e serviu-se.

— O senhor Rourke quer o pagamento até amanhã, Martha.

A mulher continuou enxugando um copo.

— Já paguei este mês.

— Pagou pela proteção. Agora é pela estrada.

— A estrada não pertence a ele.

— Diga isso ao senhor Rourke.

Samuel tomou um gole de café e manteve os olhos no prato vazio à sua frente. Não era problema dele. Passara anos aprendendo essa frase, e ela o mantivera vivo em lugares muito piores do que Santa Esperanza.

— Não tenho mais dinheiro — disse Martha.

O homem aproximou-se.

— Então ele fica com o saloon.

Martha ergueu os olhos.

— Meu marido construiu este lugar.

— Seu marido está morto.

Samuel fechou os olhos por um instante. Esperava que a mulher não respondesse. Ela respondeu.

— E Rourke ainda não.

O tapa a atingiu com força suficiente para derrubá-la contra as garrafas.

Samuel deixou a caneca sobre a mesa.

O homem virou-se.

— Algum problema, forasteiro?

— Nenhum.

— Então continue bebendo.

Samuel olhou para Martha. Um filete de sangue descia de seu lábio.

— É o que estou tentando fazer. Mas você está tornando o lugar desagradável.

O homem riu.

— Você sabe quem manda nesta cidade?

— Pelo jeito, alguém chamado Rourke.

— Silas Rourke.

O nome atravessou Samuel de uma maneira que nenhum dos presentes percebeu.

Havia dez anos que não o escutava.

O homem continuou falando, mas Samuel já não prestava atenção.

Voltou a enxergar uma casa em chamas, três corpos no chão e um rapaz de vinte e poucos anos montando um cavalo roubado enquanto Silas Rourke gritava para que ele não olhasse para trás. Samuel obedecera naquela noite. Obedecera muitas outras depois dela.

— Onde está Rourke? — perguntou.

O sorriso do homem desapareceu.

— Por quê?

— Quero conversar com ele.

— Ele não conversa com gente como você.

Samuel olhou para o revólver do homem.

— Então diga que Samuel Crowe está aqui.

A mudança foi imediata.

O homem conhecia o nome.

Saiu do saloon sem tocar novamente em Martha.

Ela esperou os cavalos se afastarem antes de se aproximar.

— Quem é você?

Samuel terminou o café.

— Um homem que deveria ter escolhido outra estrada.

Silas Rourke chegou antes do anoitecer acompanhado por seis homens. Samuel o esperava sentado na varanda do saloon, com o chapéu sobre os joelhos. O tempo transformara Rourke num homem pesado, de cabelos grisalhos e barriga pronunciada, mas os olhos continuavam os mesmos. Samuel os reconheceria depois de cinquenta anos.

— Sammy Crowe — disse Rourke, desmontando. — Pensei que estivesse morto.

— Muita gente pensou.

Rourke abriu os braços.

— Então venha cá. Faz quanto tempo? Dez anos?

— Doze.

— Doze anos! E você aparece justo aqui.

Samuel não se levantou.

— Não sabia que era sua cidade.

— Tudo daqui até o rio é meu.

— Foi o que disseram.

Rourke percebeu que não haveria abraço.

— Soube que abandonou o trabalho.

— Abandonei.

— Virou religioso?

— Só fiquei cansado.

Rourke riu e subiu os degraus.

— Ninguém fica cansado de dinheiro.

— Não foi do dinheiro.

Os dois se encararam. Rourke compreendeu.

— Ainda pensa naquela família?

Samuel não respondeu.

— Aquilo foi há muito tempo.

— Havia duas crianças naquela casa.

— Havia testemunhas.

— Eram crianças.

— E agora estão mortas há doze anos. Você pretende fazer o quê? Ressuscitá-las?

Samuel sentiu a velha raiva chegando, mas deixou que passasse. Durante muito tempo acreditara que matar Rourke resolveria alguma coisa. Depois descobriu que homens podiam carregar mortos suficientes para perceber que outro cadáver raramente diminuía o peso.

— Vá embora da cidade, Silas.

Rourke pareceu sinceramente surpreso.

— Está me dando uma ordem?

— Um conselho.

— Esta cidade é minha.

— Não é.

Rourke olhou para seus homens.

— Quantos você acha que consegue matar?

Samuel levantou-se.

— Antes ou depois de você?

O sorriso desapareceu do rosto de Rourke.

— Amanhã ao meio-dia. Você estará fora daqui. Se ainda estiver na cidade, vou enterrá-lo.

— Já tentaram.

Rourke montou novamente.

— Dessa vez vou assistir.

Samuel passou parte da noite sentado no quarto, desmontando e limpando o Colt. Não gostava da facilidade com que as mãos ainda conheciam cada peça. Martha bateu à porta pouco depois das dez.

— Você vai enfrentá-los?

— Ainda estou decidindo.

— Eles são sete.

— Eu sei contar.

— Então sabe que vai morrer.

Samuel encaixou o tambor.

— Talvez.

Martha ficou algum tempo observando-o.

— Por que está fazendo isso?

Ele pensou antes de responder.

— Porque passei muitos anos indo embora.

Ela não perguntou mais nada.

Na manhã seguinte, Samuel selou o cavalo e colocou os alforjes sobre a sela. Durante alguns minutos permaneceu parado diante do animal. Bastava montar. Antes do meio-dia estaria longe de Santa Esperanza, e Silas Rourke continuaria fazendo o que sempre fizera. Samuel conhecia aquela escolha. Fizera-a tantas vezes que já não precisava pensar.

Então ouviu o sino da igreja.

Virou-se.

Na rua, Rourke vinha acompanhado pelos seis homens.

Samuel soltou as rédeas.

— Fique aqui, garoto.

O cavalo continuou mastigando como se não tivesse interesse algum nos problemas dos homens.

Samuel caminhou até o meio da rua.

Rourke parou a alguns metros.

— Eu lhe dei uma chance.

— Você sempre diz isso antes de matar alguém.

— E você sempre ajudava.

Samuel não negou.

Talvez fosse exatamente por isso que permanecera.

O primeiro homem tentou sacar.

Samuel foi mais rápido.

O Colt disparou e o homem caiu antes que o revólver deixasse o coldre. A rua explodiu em tiros. Samuel mergulhou atrás de um coche enquanto balas arrancavam lascas da madeira. Disparou duas vezes, viu outro homem cair e correu para a lateral do armazém. Não havia beleza naquele tipo de luta. Nunca houvera. Homens gritavam, cavalos se assustavam e a fumaça da pólvora tornava difícil enxergar. Quando o silêncio finalmente voltou, Samuel estava ferido no ombro e havia quatro homens no chão.

Os outros dois fugiram.

Rourke permanecia no centro da rua.

— Terminamos como começamos — disse ele.

Samuel saiu de trás do armazém.

— Não.

Rourke sacou.

Samuel disparou primeiro.

A bala atingiu o peito do velho.

Silas Rourke olhou para a própria camisa, depois para Samuel, como se estivesse ofendido pela ideia de morrer daquela maneira. Caiu de joelhos e tombou na poeira.

Samuel permaneceu imóvel durante algum tempo.

Esperara doze anos por aquele momento e, quando finalmente chegou, não sentiu nada parecido com alívio.

Guardou o Colt.

Martha saiu do saloon. Outras portas começaram a abrir.

— Você fica? — perguntou ela.

Samuel olhou para o cavalo esperando junto ao bebedouro.

— Não.

— Para onde vai?

Ele colocou o chapéu.

— Ainda não sei.

Montou com dificuldade por causa do ferimento e seguiu pela estrada. Quando alcançou a elevação, olhou uma última vez para Santa Esperanza. O sino da igreja tocava novamente e algumas pessoas já estavam retirando os mortos da rua.

Samuel não acreditava que aquilo apagasse o que fizera no passado. Também não acreditava que um homem pudesse comprar perdão com uma única boa ação.

Mas, pela primeira vez em muitos anos, quando a estrada se abriu diante dele, não teve a sensação de estar fugindo.





NOVOS MUNDOS.
NOVAS HISTÓRIAS.
OUTROS IMPOSSÍVEIS.

A próxima edição da
Mundos Impossíveis Revista
de Literatura Fantástica
está sendo forjada.

Prepare-se para atravessar
fronteiras, enfrentar sombras
e descobrir o que ainda
está por vir.

EM BREVE.
UMA NOVA JORNADA COMEÇA.



   forjaselvagem.com.br